

A SEXUALIDADE NO ÂMBITO EDUCACIONAL: UM DILEMA

Francisca Júlia Mendes de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba
Julias2wilton@gmail.com

Glênio Rodrigues Ribeiro Neto
Universidade Estadual da Paraíba
glenio_rodrigues@hotmail.com

José Marcos Rosendo de Souza
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
mark_city@hotmail.com

Nos dias atuais, o tema educação sexual está presente em diversas áreas do conhecimento, principalmente, quando se trata de abordar a sexualidade na escola. Pois a função social educacional vem se modificando com o passar do tempo, já que ela exerce um papel fundamental tanto na formação do sujeito para o mercado de trabalho como para formação crítica do cidadão. Uma vez que a escola deve ser vista como instituição social e cultural, um espaço em que deve-se promover o desenvolvimento da autonomia e respeito as diversas formas de cultura. Assim, esse artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica que envolve uma pesquisa referente ao preconceito e desenvolvimento de opiniões sobre o tema da sexualidade no âmbito educacional. Sendo assim, nossas inquietações visam saber qual o efeito causado pelas mais diversas formas de interferência do preconceito social, perante as questões da sexualidade na escola, demonstrando com nossas pesquisas, uma pluralidade de formas de preconceito, que as vezes passam despercebidos ou ignorados por distintas pessoas, tanto por profissionais da educação como por alunos. Para isso, usamos uma fundamentação teórica que aborda as questões sobre a sexualidade na escola, sendo isso realizado a partir das teorias presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) Brasil (1997), a teoria de Freire (1987 e 2002), as relações existentes em sala de aula, Foucault, (1999), entre outros. Com isso, as contribuições que pretendemos deixar para os nossos leitores é que a sexualidade não é um tema que deve-se ter medo de ser trabalhado em sala de aula, mas sim necessita ser visto como uma porta de entrada para uma nova possibilidade da junção de opiniões existentes entre os educandos e seus educadores, de forma que visem uma melhor compreensão para ambas as partes.

Palavras Chaves: Educação sexual. Família. Escola.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, o tema educação sexual está presente em diversas áreas do conhecimento, principalmente, quando se trata de abordar a sexualidade na escola, esse tema tem ocasionado diversos debates, tanto por parte dos educandos, como por parte dos educadores, trabalhar com a sexualidade em sala de aula, pode e

deve ser uma maneira de abranger o conhecimento do aluno, sobre uma temática que por mais que seja mencionada, ainda é tratada como um tabu.

Nosso objetivo geral, visa saber qual o efeito ocasionado pelas mais diversas formas de interferência do preconceito social, através de uma pesquisa bibliográfica que envolve um aporte teórico, perante as questões da sexualidade na escola, demonstrando com nossas interferências, sobre o ponto de vista de cada teórico mencionado anteriormente, demonstrando uma pluralidade de formas de preconceito, que as vezes passam despercebidos por diversas pessoas, tanto por profissionais da educação como por alunos.

Como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), propõem a Sexualidade e a Orientação Sexual como temas transversais, que podem ser trabalhados pelo educador em sala de aula. Por isso, para o PCN, cabe à escola abordar os diversos pontos de vistas, os valores e as crenças existentes na sociedade, para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto referência por meio da reflexão. Tais questões estão presentes em todo o âmbito educacional, em uma simples brincadeira entre alunos, nos desenhos presentes nas paredes das escolas, comentários entre professores, preconceito homofóbico das mais diversas formas, além de outras maneiras de constranger e denegrir a imagem do indivíduo.

Por outro lado, a sexualidade deveria ser uma temática, abordada em sala de aula normalmente, mas os professores ainda tratam, de tal assunto como um “tabu”, abordando apenas, o que acham necessários para formação do aluno, com essa formação precária, ele poderá desenvolver inúmeras formas de preconceito, demonstrando que se tal assunto, fosse trabalhado em sala de aula de forma clara sem muitas especulações, que contraditoriamente não esclarecem mas sim desinformam, pois são essas contradições, que deixam a cabeça, do aluno cada vez mais confusa, perante a temática da sexualidade.

Se pegarmos como ponto de partida a ideia de Paulo Freire em seu livro “Pedagogia da Autonomia”, de que o educador deve saber que ensinar não é apenas transferir conhecimentos, mas proporcionar aos educandos possibilidades para que construam seu próprio conhecimento, veremos que a temática da sexualidade, deveria ser trabalhada de forma transversal, para que os alunos possam construir um ponto de referência, não como modelo, mas, como um suporte de orientação e informação sobre tal temática.

1. A FAMÍLIA E A ESCOLA DIANTE DA SEXUALIDADE

Primeiramente, gostaríamos de fazer uma distinção entre educação sexual e orientação sexual, a educação sexual é o termo utilizado pelos PCNs (BRASIL, 1997) para denominar a intervenção que se propõe fazer nas escolas, envolvendo os alunos e suas necessidades sobre as questões sexuais. Em contra partida, o termo orientação sexual é o que deve ser abordado pela família. Em ambas as situações a temática, muitas vezes, é deixada de ser trabalhada junto às crianças ou adolescentes. Para os PCNs, a educação sexual deve ser trabalhada em sala de aula desde cedo, de forma que:

Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura. (BRASIL, 1997, p.293)

Conseqüentemente, mesmo que, o fato da família ter valores conservadores ou liberais interferem na formação das crianças e jovens. Tal fator não deveria contribuir de forma negativa para abordar a sexualidade em meio familiar já que, se as palavras, comportamentos e ações dos pais configuram o primeiro e mais importante modelo da educação sexual das crianças, é em meio a sua família que a criança ou jovem deve ser orientado em relação a sexualidade. Ela não deve ser tratada como forma de repressão ou ignorada como maneira de manipulação entre pais e filhos. Na obra de Foucault (1999, p. 98) não se deve descrever a sexualidade como:

[...] um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeita-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente. Ela aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder, entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população. Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias.

Como bem o autor aborda acima, não existe uma única estratégia válida para toda a sociedade referente às mais diversas manifestações do sexo. Ele deve ser abordado de forma clara entre pais e filhos, educadores e alunos. Tal temática não torna-se, mais um tabu em meio à sociedade em que vivemos, mais torna-se uma forma de constrangimento ao ser trabalhada entre as famílias ou as escolas.

Os PCNs informam as mais diversas questões que devem ser trabalhadas em sala de aula, tornando-se uma ferramenta importantíssima nessa nova metodologia que deve ser implantada em sala de aula, que não visa apenas o repasse de conteúdo, mais sim uma formação crítica e analítica do aluno, visando uma melhoria na formação do educando. Os parâmetros curriculares, visam a educação sexual como forma de proporcionar diversos exercícios e questionamentos em meio a temática da sexualidade.

A Orientação Sexual aqui proposta não pretende ser diretiva e está circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual nem psicoterapêutico. Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir a intimidade e o comportamento de cada aluno ou professor. Tal postura deve, inclusive, auxiliar as crianças e os jovens a discriminar o que pode e deve ser compartilhado no grupo e o que deve ser mantido como vivência pessoal. (BRASIL, 1997, p. 299)

Se formos analisar o tema ressaltado anteriormente e a visão freiriana constataremos, que ensinar exige respeito tanto por parte do educador como por parte da escola, não menosprezando a bagagem social trazida pelos educandos do seu contexto familiar e social.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (Freire, 1996)

Essa discussão de conteúdos deveria ressaltar assuntos que fazem parte do cotidiano dos educandos. Com essa abordagem seria propriamente mais fácil a concretização de certos valores e ações desenvolvidos por uma sociedade, que não tem mais os mesmos valores sociais e culturais existentes no século XIX. Com essa

nova metodologia seria mais fácil de combater ideias equivocadas sobre a sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O respectivo artigo articulou sobre as questões da sexualidade na sala de aula e em meio familiar, debatendo, a partir desses assuntos, alguns dilemas que dizem respeito a essa temática abordada de diversas formas, ou muitas vezes deixando de ser questionada, de certo ponto por um preconceito existente com a sexualidade.

A orientação sexual deve ser de forma reflexiva, para que o aluno possa questionar-se sobre as desigualdades, preconceito, entre outros questionamentos. Deve ser crítica, para que o educando possa construir sua própria opinião sobre o assunto. Mas em, contra partida, essa educação sexual não deve ser de forma isolada, pois ela tem que ser informativa, possibilitando o diálogo entre educador e educando sobre esse assunto, já que não é um tabu, mas sim uma nova possibilidade de orientar os alunos para sua formação social.

Os PCNs informam as mais diversas questões que devem ser trabalhadas em sala de aula, tornando-se uma ferramenta importantíssima nessa nova metodologia que deve ser implantada em sala de aula, visando uma melhoria na formação do aluno.

Com isso, as contribuições que pretendemos deixar para os nossos leitores é que a sexualidade não é um tema que se deve ter medo de ser trabalhado em sala de aula, mas sim deve ser vista como uma porta de entrada para uma nova possibilidade da junção de opiniões existentes entre os educandos junto com seus educadores, de forma que visem uma melhor compreensão para ambas as partes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MORETTO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudos, não um acervo de contas**. 3º ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

